



Recebido em: 06/02/2024

Aprovado em: 06/05/2024

Publicado em: 12/07/2024

O QUE POSSIBILITA ENSINAR A ALGUÉM USAR UMA PALAVRA

WHAT CAN YOU TEACH SOMEONE USE A WORD?

KIO EBLIGAS INSTRUI AL IU KIEL UZI VORTON

Francisco Renato Tavares³⁵

Resumo

Nas *Investigações Filosóficas*, Wittgenstein expande nossa compreensão do que seja a linguagem e mostra que a mesma é uma atividade contextualizada em práticas compartilhadas pelos usuários da linguagem e não numa associação entre ela e referência extralinguística. A definição ostensiva, que pretende determinar o significado linguístico por uma associação entre linguagem e mundo, só é possível por causa de um contexto de práticas compartilhadas pelos usuários da linguagem, não pela associação entre os elementos linguísticos e os referentes do mundo. Este trabalho, fundamentado nas ideias de Wittgenstein, desenvolvidas nas *Investigações*, por meio de uma revisão bibliográfica, explora quais são os pressupostos que possibilitam o ensino e a aprendizagem da linguagem, observando o caso específico do ensino ostensivo de uma palavra. Esperamos esclarecer o que precisa acontecer para que seja possível a atividade do ensino de uma palavra a alguém, pois pensamos que ensino e aprendizagem só são possíveis porque quem ensina e quem aprende compartilha um contexto de práticas estabelecidas que possibilita, por exemplo, saber como se usa uma palavra.

Palavras-chave: Linguagem. Definição Ostensiva. Ensino. Aprendizagem.

Abstract

In *Philosophical Investigations*, Wittgenstein expands our understanding of what language is and shows that it is an activity contextualized in practices shared by language users and not in association between it and extralinguistic reference. The ostensive definition, which aims to determine linguistic meaning through an association between language and the world, is only possible because of a context of practices shared by language users, not because of the association between linguistic elements and referents of the world. This work, based on Wittgenstein's ideas, developed in *Investigations*, through a bibliographical review, explores what are the assumptions that enable the teaching and learning of language, observing the specific case of the

³⁵ Graduação em Filosofia pela Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia (2007), Especialização em Docência com Ênfase na Educação Básica pelo Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Minas Gerais (2020), Mestrado em Filosofia pela Universidade Estadual de Campinas (2013) e Doutorado em Filosofia pela Universidade Federal de São Paulo (2019). Professor EBTT no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Minas Gerais, campus Formiga. E-mail: renato.tavares@ifmg.edu.br



ostensive teaching of a word. We hope to clarify what needs to happen for the activity of teaching someone a word to be possible, as we think that teaching and learning are only possible because those who teach and those who learn share a context of established practices that makes it possible, for example, to know how to use a word.

Keywords: Language. Ostensive Definition. Teaching. Learning.

Resumo

En siaj “Filozofiaj Esploroj”, Wittgenstein vastigas nian komprenon pri kio estas lingvo, kaj elmontras ke ĝi estas agado kuntekstigita en praktikoj kundividitaj de lingvouzantoj kaj ne en ia asocio inter ĝi kaj eksterlingva referenco. La ŝajna difino, kiu celas determini lingvan signifon per asocio inter lingvo kaj mondo, eblas nur pro kunteksto de praktikoj kunhavataj de lingvouzantoj, ne pro asocio inter lingvaj elementoj kaj referencintoj de la mondo. Tiu ĉi verko, bazita sur la ideoj de Wittgenstein, disvolvita en la “Esploroj” esploras, per bibliografia recenzo, kiuj estas la supozoj kiuj ebligas la instruadon kaj lernadon de lingvo, observante la specifan kazon de la ŝajna instruado de vorto. Ni esperas klarigi, kio devas okazi, por ke tiu agado instrui al iu vorton estu ebla, ĉar ni opinias, ke instruado kaj lernado estas eblaj nur ĉar tiuj, kiuj instruas, kaj tiuj, kiuj lernas, dividas kuntekston de establitaj praktikoj, kiu ebligas, ekzemple, scii kiel uzi vorton.

Ŝlosilvortoj: Lingvo. Ŝajna Difino. Instruado. Lernado.

INTRODUÇÃO

Nas *Investigações Filosóficas* (IF), Wittgenstein apresenta uma nova forma de compreender a linguagem que é comparada a atividade de jogar. Ele diz (IF 7, 23) que como são muitos os tipos de jogos, da mesma forma são muitas as possibilidades de uso da linguagem, e não apenas uma única forma, aquela que pensa a mesma associada ao mundo, as expressões linguísticas associadas aos constituintes do mundo. Nessa obra, Wittgenstein mostra que o uso das palavras, ou das frases, não pode ser pensado como uma associação entre expressões linguísticas e referências extralinguísticas que determinariam o significado das mesmas, pois segundo ele, a linguagem só pode ser compreendida como uma atividade contextualizada em práticas compartilhadas que possibilitam o uso das diferentes formas de expressões linguísticas.

Neste trabalho, tendo como referência a imagem da linguagem apresentada por Wittgenstein, nas *Investigações*, iremos explorar quais seriam os pressupostos, ou as condições, que tornam possíveis o ato de ensinar e de aprender. Para esclarecer esses dois conceitos importantes para a Educação, para a Filosofia da Educação, tomaremos como exemplo, o caso da definição e do ensino ostensivo de uma palavra. Para tanto, mostraremos em que consiste a definição ostensiva e como é possível o ensino



ostensivo de uma palavra definida ostensivamente. Queremos esclarecer como podemos dizer que alguém aprende a utilizar uma palavra ensinada na forma ostensiva.

LINGUAGEM E JOGOS DE LINGUAGEM

Uma forma comum de se pensar o uso significativo da linguagem, o significado das frases e das palavras, é pensar o que seria associado àquela expressão linguística, que determinaria o significado preciso da mesma. Por exemplo, quando pensamos o significado de uma palavra como ‘maçã’, pensamos que ele é determinado por um objeto, a saber uma fruta, que conhecemos por maçã. Parte significativa da Filosofia, de Platão ao *Tractatus* de Wittgenstein, pensava a linguagem nessa forma, por isso, a linguagem seria determinada pelo mundo. O significado preciso de uma palavra, ou de uma frase, seria a referência extralinguística encontrada no mundo que seria associada à expressão utilizada para que a mesma tenha um significado determinado.

Nas *Investigações*, essa forma de compreender a linguagem é chamada de imagem agostiniana e é exemplificada por Wittgenstein, no primeiro parágrafo, com uma citação das *Confissões* em que Agostinho recorda seu aprendizado da linguagem na infância. Segundo ele (IF 1),

Quando os adultos nomeavam um objeto qualquer voltando-se para ele, eu o percebia e compreendia que o objeto era designado pelos sons que proferiam, uma vez que queriam chamar a atenção para ele.

No primeiro parágrafo das *Investigações*, Wittgenstein sintetiza a forma como essa determinada imagem compreende a linguagem. Segundo ele,

Nestas palavras temos, ao que parece, uma determinada imagem da essência da linguagem humana, a saber: as palavras da linguagem denominam objetos – as sentenças são os liames de tais denominações. Nesta imagem da linguagem encontramos as raízes da ideia: toda palavra tem um significado. Este significado é atribuído à palavra. Ele é o objeto que a palavra designa. (IF 1)

Ainda no primeiro parágrafo das *Investigações*, Wittgenstein avança para além da imagem agostiniana ao chamar a atenção para o quanto é limitada essa forma de pensar a linguagem. Na sequência do primeiro parágrafo, ele sugere um exemplo de uso de uma expressão linguística no contexto de uma feira. Para tanto, ele usa a expressão



‘cinco maçãs vermelhas’, e mostra que se fosse pensada segundo a imagem agostiniana, essa expressão poderia ter seu significado determinado pelas referências das palavras ‘cinco’, ‘maçãs’, ‘vermelhas’. No entanto, Wittgenstein ressalta que nesse contexto de uso, mais importante que buscar o significado que seria associado às palavras é a ação contextualizada que a expressão linguística proporciona.

Ao final do primeiro parágrafo, Wittgenstein realiza importantes considerações que nos permitem compreender a linguagem diferente da forma como a imagem agostiniana pensa. Ao mostrar como ‘cinco maçãs vermelhas’ pode ser utilizada no contexto da feira, ele observa,

– Da mesma forma, operamos com palavras. – “Como ele sabe onde e como deve procurar a palavra ‘vermelho’ e o que tem que fazer com a palavra ‘cinco’?” – Ora, suponho que ele aja conforme descrevi. As explicações encontram um fim em algum lugar. – Qual é o significado da palavra ‘cinco’? – Aqui não se falou disso mas somente de como a palavra ‘cinco’ é usada. (IF 1)

Se levarmos em consideração essas observações, poderíamos pensar nesse contexto que, se alguém, seguindo as sugestões de Wittgenstein, for à feira com um papel em que está escrito ‘cinco maçãs vermelhas’, irá desenvolver ações práticas, independente de possíveis correlações entre as diferentes expressões linguísticas com algo extralinguístico, as supostas referências, que determinariam o significado preciso dessas expressões. Quando levamos a sério essas observações de Wittgenstein sobre a prática de uso da linguagem que possibilita a ação na feira, nós precisamos compreender que o uso da linguagem engendrou ações práticas. As ações não foram determinadas por causa da associação entre ‘cinco maçãs vermelhas’ e as supostas referências que seriam associadas às mesmas.

Nesse primeiro parágrafo das *Investigações*, Wittgenstein chama a atenção para todo um contexto que torna possível a atividade linguística e todas as outras atividades práticas dependentes dela. Por isso, Baker & Hacker (2005) sugerem que as diferentes expressões linguísticas, precisam ser pensadas não a partir de uma associação entre as mesmas e as referências que determinariam o significado, mas como ferramentas dependentes de um contexto público de uso, como expressão de uma cultura específica ou de uma forma de vida.



We should conceive of words not as names of entities of various logical kinds, but as tools with a variety of quite different uses. A language is a public, rule-governed practice, partly constitutive of the form of life and culture of its speakers³⁶ (BAKER & HACKER, 2005, I, p. 15)

Por isso, para se contrapor à imagem agostiniana da linguagem, Wittgenstein utiliza a expressão jogos de linguagem (IF 7, 23) que, dentre muitas possibilidades, sugere que não podemos pensar a linguagem como necessariamente determinada por referência extralinguística que precisaria o significado das diferentes expressões. Pelo contrário, pelos jogos de linguagem, pela imagem dos jogos de linguagem, percebemos que como são muitos os tipos de jogos, também são muitos os usos possíveis da linguagem. Segundo ele,

A expressão “jogo de linguagem” deve salientar aqui que falar uma língua é parte de uma atividade ou de uma forma de vida (...). É interessante comparar a variedade de instrumentos da linguagem e seus modos de aplicação, a variedade de espécies de palavras e de frases com o que os lógicos disseram sobre a estrutura da linguagem. (IF 23)

Por isso, nesses primeiros parágrafos das *Investigações*, Wittgenstein expande nossa forma de ver, de compreender a linguagem. Para além de uma única forma, que pressupõe a atividade linguística como determinada por uma associação entre linguagem e mundo, entre as diversas expressões linguísticas e referências extralinguísticas, precisamos expandir nosso horizonte e observar a linguagem na prática, as diversas expressões linguísticas são ferramentas variadas com diversas possibilidades que são dependentes de um contexto de práticas estabelecidas, ou formas de vida, que possibilitam muitas ações, como por exemplo, a ação ocorrida no contexto da feira.

³⁶ Devemos conceber as palavras não como nomes de entidades de vários tipos lógicos, mas como ferramentas com uma variedade de usos bastante diferentes. Uma língua é uma prática pública, governada por regras, parcialmente constitutiva da forma de vida e da cultura dos seus falantes.



SOBRE A DEFINIÇÃO OSTENSIVA

A definição ostensiva consiste na tentativa de determinação do significado de uma expressão linguística qualquer, como por exemplo, uma palavra, por meio da associação entre a expressão definida ostensivamente e uma referência extralinguística que seria o significado preciso da palavra. Blackburn (1997, p. 91) diz que numa definição por ostensão é mostrado aquilo que se pretende definir ostensivamente por meio de um exemplar daquilo que é definido.

Dessa forma, podemos explorar essas ideias tendo em consideração que uma definição ostensiva utiliza um exemplar do mundo para determinar o significado preciso de uma expressão linguística. Podemos, por exemplo, utilizar a expressão ‘cinco maçãs vermelhas’ do primeiro parágrafo e tentar uma aproximação de como poderíamos definir ostensivamente essa expressão para sermos capazes de compreender o que ela significa e de utilizá-las em outras situações.

Um primeiro problema que teríamos que dar conta ao analisarmos a expressão ‘cinco maçãs vermelhas’ é especificar qual seria a referência que determinaria o significado preciso de cada uma das palavras. Por exemplo, precisaríamos esclarecer qual seria a referência que determinaria o significado de ‘cinco’: seria a quantidade de maçãs vermelhas? Em que ‘cinco’ na expressão ‘cinco maçãs vermelhas’ seria diferente de ‘cinco rosas vermelhas’? A natureza dos números é um problema clássico de Filosofia da Matemática, que não pretendemos explorar neste trabalho. Especificar se os números são reais, ou são ideais, ou são convencionais, são problemas dessa área.

Observemos, então, o caso específico da palavra ‘maçã’. Qual seria o significado preciso de ‘maçã’, definida ostensivamente, que possibilitaria o uso dessa palavra em diferentes situações? Como poderíamos dizer que alguém sabe usar precisamente a palavra ‘maçã’ conforme a forma como fora definida por ostensão? Alguém que utiliza a palavra ‘maçã’ na expressão ‘cinco maçãs vermelhas’ pensa exatamente na fruta que conhecemos por maçã, ao utilizar essa palavra num determinado contexto, ou em outra característica da fruta?

Ao utilizarmos ‘maçã’, numa determinada situação, poderíamos tomar um exemplar da fruta que conhecemos por maçã, e indicar a fruta que determinaria o significado da palavra ‘maçã’. Mais ainda, à semelhança agostiniana (IF 1), poderíamos



apontar para a referência e utilizar gestos, ou outras expressões, para fazer com que nosso interlocutor perceba que o objeto, o exemplar ou referência, é o significado determinado da palavra. Por fim, à semelhança agostiniana, mostrar para nosso interlocutor que ‘o objeto era designado pelos sons que proferiam, uma vez que queriam chamar a atenção para ele’ (IF 1).

Um dos problemas que se apresenta, nesse momento, é a necessidade de esclarecer como temos certeza de que alguém compreendeu da mesma forma que queríamos que ele compreendesse o significado de ‘maçã’. Como saber se ele utiliza a palavra ‘maçã’ como pensamos que deve ser utilizada para representar um objeto. Poderíamos, por exemplo, tomar uma fruta, que seria a referência precisa que determinaria o significado daquilo que compreendemos por ‘maçã’ e indicarmos para ele, ‘este é o significado de “maçã”’. Porém, alguns outros problemas permanecem: como sabemos que a pessoa percebeu a fruta como um todo e não alguma parte, ou a forma arredondada da maçã, ou sua maciez, ou inclusive sua cor? O próprio gesto de apontar para chamar a atenção apresenta outras dificuldades, pois não podemos ter certeza de que a pessoa olhou para a fruta conforme indicamos, ou por exemplo, fixou sua atenção na ponta do dedo. O ato de chamar a atenção por meio de gestos apresenta sérias dificuldades, pois podemos interpretar os gestos de muitas formas variadas, e não apenas de uma única forma.

Baker & Hacker (2005, I, p. 88), indicam que a definição ostensiva de uma palavra possui um papel normativo, pois guia o comportamento linguístico ao fornecer padrões para o uso de expressões cujo significado ela explica. Ela não significa a conexão entre linguagem e mundo, pois é uma norma, que estabelece regras para o uso de um termo, por isso, a definição ostensiva pode ser pensada como um exemplo paradigmático que indica um uso possível para uma palavra.

Ostensive definitions have a *normative* role in language. They guide linguistic behaviour by providing standards of correctness for the use of the expressions whose meanings they explain³⁷ (BAKER & HACKER, 2005, I, p. 88).

³⁷ As definições ostensivas têm um papel normativo na linguagem. Eles orientam o comportamento linguístico, fornecendo padrões de correção para o uso das expressões cujos significados explicam.



A definição ostensiva, então, seria um caso de uso de uma palavra em um contexto de práticas estabelecidas, por isso, alguns pressupostos são dados como certos para que ela seja possível. Por exemplo, o uso da palavra ‘maçã’, em ‘cinco maçãs vermelhas’ pressupõe um contexto prático, uma feira, no qual aquele que entrega o papel solicita ao feirante que traga um pedido, espera dele um tipo de ação. Esse uso contextualizado é diferente do uso de ‘maçã’ em uma definição do tipo ‘isto é uma maçã’ ao apontar para uma fruta. Esse último exemplo, que pressupõe outro contexto de práticas estabelecidas, não pode ser pensado como a determinação do significado pela associação entre a palavra e o referente, pois ‘maçã’ em ‘isto é uma maçã’, além de pressupor um contexto de práticas estabelecidas, pode ser interpretada de diferentes formas, como por exemplo, a cor da fruta, a forma arredondada, o estado de maturação da fruta.

Carvalho (2014, p. 172) diz que, nas *Investigações*, Wittgenstein,

Em lugar de descrever a linguagem como uma estrutura aposta ao mundo com o qual constitui uma relação de significação, cada palavra ligada com aquilo que por meio dela se nomeia, a linguagem se apresenta para nós, nas *Investigações*, como prática: fazemos coisas com palavras, palavras são como ferramentas, a linguagem é uma prática, de tal modo que não se coloca como problema relacionar nome e objeto, mas compreender como esta prática se instaura, como aprendemos certos usos, como somos treinados para fazer coisas com palavras.

Por isso, buscar aquilo que seria a referência que determinaria o significado exato de uma palavra, mesmo que definida ostensivamente, pressupõe que tenhamos a capacidade de saber quais são usos possíveis para aquela palavra específica, ou seja, pressupõe que a linguagem já esteja em funcionamento. Por isso, o contexto de práticas (linguísticas) estabelecidas é o que torna possível a utilização da palavra numa forma específica. A ideia de uso determinado por uma referência extralinguística, como pode ser sugerido por quem define ostensivamente uma palavra, quando não pensado num contexto de práticas estabelecidas, pressupõe que haveria um evento mágico, de natureza mental, por exemplo, no uso da palavra. Essa forma de pensamento se depara com sérias dificuldades, algumas das quais já apresentadas, para justificar que alguém sabe usar significativamente uma palavra que foi definida ostensivamente.



Medina (2002, p. 171) diz que as relações entre palavras e objetos são estabelecidas por meio da prática de uso da linguagem na qual temos de ser treinados para adquirirmos competências linguísticas. Essa prática é dependente do ambiente em que é exercida. Nessa visão, a linguagem é crucialmente dependente das contingências do mundo, da existência de certa uniformidade no ambiente, da existência de falantes que usam a linguagem, de formas regulares em suas interações com o ambiente e da capacidade de sermos treinados e de treinar outros nessas atividades regulares.

Por isso, o uso de uma palavra, como o uso de qualquer expressão linguística, só pode ser pensado a partir de práticas estabelecidas que são compartilhadas por aqueles que dominam uma das muitas técnicas de uso das mais variadas formas linguísticas. No caso da definição ostensiva, é preciso que os usuários da linguagem saibam como se utiliza a palavra naquele contexto específico, por isso, precisam estar familiarizados com as formas de uso da palavra. Quem ainda não está familiarizado com o uso da palavra, precisa ser introduzido à forma de uso para que possa saber utilizá-la num determinado contexto.

A definição ostensiva, portanto, é um caso paradigmático de uso contextualizado de uma palavra. Ela indica algumas formas para utilização de uma palavra, engendra comportamentos nos usuários da linguagem e não quer dizer que o significado preciso da palavra seja determinado por uma suposta conexão entre a mesma e uma referência, ou entre a linguagem e o mundo. A definição ostensiva não ocorre por causa de um evento mágico entre quem define uma palavra e quem aprende a usar a mesma numa forma específica. Pelo contrário, uma definição ostensiva é apenas o estabelecimento de uma forma de uso, um modelo de uso de uma palavra que só ocorre por causa de um contexto de práticas estabelecidas compartilhadas pelos usuários da linguagem. A definição ostensiva, portanto, significa o estabelecimento de algumas possibilidades de utilização de uma palavra num contexto específico.

SOBRE O ENSINO E A APRENDIZAGEM

O contexto de práticas estabelecidas, compartilhado pelos usuários da linguagem, pode ser pensado como o resultado de um processo de iniciação ao uso da linguagem. Por isso, num contexto específico, alguém pode aprender a utilizar uma



palavra na forma ostensiva. Para tanto, é preciso que haja alguém que saiba utilizar a palavra nessa forma específica e seja capaz de ensinar o uso da palavra a alguém que queira aprender a utilizar a palavra na forma ostensiva, após um processo de iniciação. O aprendizado do uso ostensivo de uma palavra, portanto, só pode ser pensado como o resultado de uma forma específica de ensino, ou seja, uma forma de iniciação ao uso da palavra.

Podemos ilustrar um possível ensino ostensivo de uso de uma palavra, num contexto de práticas estabelecidas, com o exemplo do primeiro parágrafo. Por exemplo, alguém poderia ensinar a utilização da palavra ‘maçã’, por meio de um ensino ostensivo, ao utilizar um exemplar da fruta maçã para iniciar alguém no uso da palavra ‘maçã’. Ressalta-se que dependendo do contexto, a prática no uso da palavra ‘maçã’ será diferente, pois o tipo de comportamento apreendido por aquele que aprendeu a usar a palavra ‘maçã’ no contexto da feira é diferente daquele que recebeu a instrução em outro contexto, como por exemplo, em uma sala de aula.

No final do quinto parágrafo, das *Investigações*, Wittgenstein observa que o ensino da linguagem não é uma explicação, mas um treinamento. Por isso, a possibilidade de uso de uma palavra só é possível após um treinamento que engendra nos usuários da linguagem comportamentos que tornam possíveis ações práticas nos mais variados contextos. No sexto parágrafo, Wittgenstein diz que crianças são educadas para executar atividades, para usar palavras e ‘para reagir dessa maneira às palavras dos outros’ (IF 6).

Dessa forma, o ensino do uso de uma palavra, mesmo o ensino ostensivo, significa um treinamento que introduz nos aprendizes uma forma de comportamento que possibilita uma ação prática específica. Por exemplo, quem aprende a usar ‘maçã’ no contexto de uma feira saberá trazer maçã a um comprador quando do uso da palavra. Uma criança que está aprendendo o nome das frutas saberá que ‘maçã’ é o nome que se dá a uma fruta que é diferente de laranja, mesmo que as duas frutas possuam a mesma forma arredondada.

Segundo Medina (2002, p. 156), durante o aprendizado nosso comportamento se torna estruturado normativamente, mas não determinado causalmente, ou seja, nós adquirimos a habilidade de aderir a comportamentos autorregulatórios. Por isso, para ele



(2002, p. 165), o processo de aprendizagem inicial é um processo de aquisição de autonomia, o que caracteriza esse processo é uma gradual mudança de responsabilidade e de autoridade, um desenvolvimento progressivo da regulação tendo os outros como referência para a própria auto regulação.

Portanto, o ensino da linguagem é um tipo de treinamento que introduz nos aprendizes comportamentos que possibilitam diversas práticas em diferentes contextos. A aprendizagem consiste na capacidade de dominar algumas técnicas que possibilitam o uso contextualizado da linguagem. Ressalta-se, ainda, que o ensino pressupõe um contexto de práticas estabelecidas (contexto escolar, por exemplo) e que a aprendizagem significa o domínio de algumas técnicas para o uso de uma palavra, o domínio de algumas normas que possibilitam nosso uso da linguagem, nossa ação no mundo.

Stickney (2005, p. 299) diz que a atenção ao domínio de técnicas mostra como nós adquirimos formas incorporadas de razão prática, hábitos estáveis de comportamentos, normas e certezas. Quem aprende passa a agir segundo uma norma independentemente, não necessitando mais de orientação daquele que ensina. Mais ainda, quem aprende é capaz de questionar algumas das normas apreendidas durante o aprendizado.

Por isso, o ensino pressupõe a capacidade do aprendiz adquirir o domínio de algumas normas que orientam sua ação contextualizada, que possibilitam o uso da linguagem nos mais diversos contextos a partir de uma base fundamental apreendida durante o treinamento. A aprendizagem pressupõe um contexto de práticas estabelecidas, ou seja, normas que permitem ao aprendiz se orientar na vida, possibilitam sua capacidade de saber usar a linguagem nos diversos contextos, capacitam o aprendiz a, inclusive, questionar algumas das normas apreendidas durante o aprendizado da linguagem.

Para Gottschalk (2013, p.671),

Quando um professor de geometria ensina que “triângulo é um polígono fechado de três lados”, esta é uma regra que seguimos na matemática para aplicar o conceito de triângulo. Esta regra não descreve uma entidade ideal em um reino transcendente, apenas define o que é ser triângulo neste campo do conhecimento. É uma regra para o uso da palavra. Compreender o que é triângulo é saber seguir esta ou alguma outra regra de utilização da palavra “triângulo”.



Portanto, o ensino ostensivo de uma palavra consiste na iniciação do aprendiz em uma forma contextualizada de uso da linguagem. A aprendizagem significa a capacidade do aprendiz dominar algumas técnicas para o uso da linguagem e ser capaz de seguir adiante a partir de uma base fundamental. Ensino e aprendizagem ocorrem em contextos de práticas estabelecidas que são compartilhadas por quem ensina e por quem aprende. Essas práticas estabelecidas possibilitam a iniciação em formas de usos da linguagem, o seguir utilizando a palavra aprendida, inclusive, para além do caso inicial como o da definição ostensiva.

Ensinar, portanto, não diz respeito à transmissão de significados extralinguísticos, mas essencialmente pressupõe treinamento e apresentação de técnicas envolvidas com a linguagem, e aprender passa a ter um novo sentido: ser capaz de dominar estas técnicas e aplicá-las em novas situações. Neste sentido, compreender algo se aproxima do domínio de uma ou mais técnicas, independentemente da presença de um eventual estado mental, que seria característico de um determinado estágio de desenvolvimento (GOTTSCHALK, 2015, p. 311).

O ensino, portanto, pressupõe que sejamos capazes de apreender algumas técnicas para o uso da linguagem numa forma específica e que sejamos capazes de seguir adiante a partir de uma base fundamental, que orientam nossa prática de uso da linguagem em outras situações que não vivenciadas durante o aprendizado. O aprendizado consiste no domínio de algumas técnicas que orientam, mas não determinam, nosso uso da linguagem, possibilitam, por exemplo, que sejamos capazes de usar uma palavra ensinada ostensivamente para além das formas de uso às quais fomos apresentados durante o ensino.

Stickney (2005, p. 303-304) diz que Wittgenstein nos deixa com a imagem do ser humano como um animal sociolinguístico, que incorpora as regras como se fossem os passos de uma dança social, internalizando os padrões por meio do treino e do domínio de técnicas. Segundo ele, porque um professor de música compartilha toda uma formação cultural com seu pupilo, ele pode julgar adequadamente quando o pupilo compreende ou consegue tocar uma frase, por exemplo, talvez ao observá-lo executando



uma dança de forma apropriada. No lugar de fundamentar o comportamento governado por regras em razões, critérios ou justificações, Wittgenstein o fundamenta na prática.

Assim, quando aprendemos uma técnica de uso contextualizado de uma palavra, aprendemos a usar essa palavra de acordo com algumas regras que orientam, mas não delimitam rigidamente, nosso uso da palavra, pois não há um limite rígido para esse uso, que determinaria todo significado da palavra, pois durante o ensino não aprendemos todas as formas possíveis de uso da palavra e, muitas vezes, o ensino ocorre através de alguns exemplos sem delimitação precisa, exemplos que tornam possíveis, mas não determinam, as mais variadas formas de uso de uma palavra. Seria uma tentação errônea supor que após uma definição, mesmo que ostensiva, de uma palavra determinamos rigidamente, por meio de regras, todas as formas de uso para aquela palavra.

Orozco diz que,

As regras para Wittgensteins são, então, uma práxis, um costume, uma instituição. [...] Colocar a norma como instituição significa que ela é elaborada e apreendida enquanto prática social. Esta perspectiva anula qualquer tipo de explicação metafísica, como a dos platônicos, e ao mesmo tempo, aponta para onde pode ser encontrado o conteúdo normativo da regra: ele é construído socialmente como um costume (OROZCO, 2014, p. 171-172).

O ensino da linguagem, portanto, é sempre uma atividade possível por causa de práticas compartilhadas, e não por causa de regras apreendidas durante o ensino. Uma definição ostensiva de uma palavra não fornece regras, em termos de condição suficiente e necessária, que aprisionaria todas as possibilidades de uso da mesma, ou determinaria rigidamente seu significado a partir de uma relação entre a palavra e uma referência. O aprendizado do uso das palavras ocorre das mais variadas formas, com as mais distintas finalidades, num contexto prático. Quando alguém aprende a usar uma palavra ensinada ostensivamente, ele não pensa o significado como a indicação de um ‘isto’ que seria associado à palavra. Pelo contrário, quando alguém aprender a usar uma palavra, ele passa a dominar algumas técnicas que mostram ‘como’ a palavra pode ser utilizada, aprende algumas regras que orientam sua prática de uso da palavra, em diferentes contextos práticos.



CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nas *Investigações Filosóficas*, somos introduzidos a uma nova forma de compreensão da linguagem, uma imagem que pensa a linguagem como uma atividade prática contextualizada, por isso, as diferentes expressões linguísticas não são determinadas pelos constituintes do mundo. Nas *Investigações*, Wittgenstein mostra que palavras, ou frases, só podem ser pensadas num contexto de práticas estabelecidas compartilhado pelos usuários da linguagem. Esse contexto prático é o que possibilita o uso das diferentes expressões linguísticas.

Neste trabalho, observamos como podemos pensar o ensino e a aprendizagem, a partir das ideias desenvolvidas por Wittgenstein, nas *Investigações*. O ensino e a aprendizagem não podem ser pensados prescindindo do contexto em que eles ocorrem, pois mesmo no caso da definição ostensiva que possibilita, por exemplo, o ensino ostensivo de uma palavra, não conseguimos pensar a linguagem a partir da ideia de determinação do significado pelos constituintes do mundo, pois o uso das diferentes expressões linguísticas, como palavras definidas ostensivamente, pressupõe um contexto de práticas compartilhado por quem ensina e quem aprende a usar a linguagem numa forma específica.

Dessa forma, o ensino e a aprendizagem são atividades contextualizadas em práticas compartilhadas por quem ensina e quem aprende a usar uma expressão linguística qualquer numa forma específica. O ensino é uma forma de introdução a uma prática específica. A aprendizagem significa o domínio de técnicas que possibilitam, mas não delimitam todas as formas possíveis de uso da linguagem, pois a linguagem é uma atividade prática em constante movimento, por isso, o ensino e a aprendizagem ocorrem continuamente nos diferentes contextos em que acontecem.

REFERÊNCIAS

BAKER, G. P. & HACKER, P. M. S. **Wittgenstein**: Understanding and meaning. Part I: Essays. Vol. 1 of *An Analytical Commentary on the Philosophical Investigations*. Second, extensively revised edition by P. M. S. Hacker. USA: Blackwell Publishing, 2005.

**IΦ-Sophia**Revista eletrônica de investigação
filosófica, científica e tecnológica.

BLACKBURN, S. **Dicionário Oxford de Filosofia**. Tradução de Desidério Murcho. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.

CARVALHO, M. S. Esclarecimento e prática: gestos ostensivos nas Investigações Filosóficas e antes. In: MORENO, A. R. (org) **Compreensão, adestramento, treinamento, definição**. Coleção CLE, vol. 68, 2014, p.p. 151-175.

GOTTSCHALK, C. M. C. O paradoxo do ensino da perspectiva de uma epistemologia do uso. **Revista Educação e Filosofia**. Uberlândia, v. 27, n. 54, p. 659-674, 2013.

GOTTSCHALK, C. M. C. A terapia wittgensteiniana como esclarecedora de conceitos fundamentais do campo educacional. **IXTLI - Revista Latinoamericana de Filosofía de la Educación**, Buenos Aires, v. 2, n. 4, p. 299-315, 2015.

MEDINA, J. **The Unity of Wittgenstein's Philosophy: Necessity, Intelligibility, and Normativity**. Albany: State University of New York Press, 2002.

OROZCO, J. E. A previsibilidade normativa segundo Wittgenstein e a aplicação aos direitos humanos. In: **IΦ-Sophia: revista eletrônica de investigações filosófica, científica e tecnológica**. Ano I, Volume 1, nº 1 (2014) – Assis Chateaubriand: JPJ Editor, 2014.

STICKNEY, J. Teaching and Learning in Wittgenstein's Philosophic Method. In: HOWE, K (ed.), **Philosophy of education society yearbook. USA: The Philosophy of Education Society**, p. 299-307, 2005. Disponível em: <https://educationjournal.web.illinois.edu/archive/index.php/pes/article/view/1637.pdf>. Acesso em: 25/01/2004.

WITTGENSTEIN, L. **Investigações Filosóficas**. Tradução de Marcos G. Montagnoli. Petrópolis: Vozes, 1994.